

COCAÍNA, FESTA E HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA:

Aspectos currículo-pedagógicos do emoji-raio (⚡) no *Instagram*

Andrey Monteiro Borges¹

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Tiago Duque²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Resumo

Este artigo analisa o uso do emoji-raio (⚡) como marcador simbólico do consumo de cocaína em contextos de festas e sociabilidades gays no *Instagram*. Partindo de uma perspectiva currículo-pedagógica, entende-se que esse emoji atua como um signo polissêmico que comunica, educa e regula práticas sociais. A pesquisa utilizou etnografia digital, observando vídeos, comentários e interações. O emoji-raio, mais do que apenas representar cocaína, se insere numa rede de significados que envolvem prazer, risco, corpo e masculinidades dissidentes. Sua ambiguidade permite circular entre o lúdico e o ilícito, escapando de censuras algorítmicas e operando como linguagem cifrada. A análise também revela tensões morais, políticas e de saúde, evidenciadas em comentários e julgamentos sobre corpos gays, uso de drogas e HIV.

Palavras-chave

Droga; *Instagram*; Gay.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) E-mail: profmeandrey@gmail.com. Orcid: 0009-0006-1631-1358

² Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: tiago.duque@ufms.br. Orcid: 0000-0003-1831-0915



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos, desde que a obra original seja devidamente citada.

Introdução

Gênero, sexualidade, corpo e saúde são, neste trabalho, entendidos como campos discursivos inter-relacionados que mobilizam conjuntos de saberes, práticas e regimes de verdade sobre o que constitui corpos, desejos e normas sociais. Numa leitura foucaultiana, preferimos tratar essas categorias não como “enunciados técnicos” — que designam unidades mínimas de funcionamento discursivo condicionadas por regras históricas de enunciabilidade —, mas como domínios discursivos que articulam múltiplos enunciados (por exemplo: falas, imagens, palavras-chave, signos visuais). Dito de outro modo, conforme Foucault (2008, p. 54), chamamos de “formação discursiva o conjunto de enunciados que pertencem ao mesmo sistema de dispersão e que obedecem a regularidades comuns”. Ainda, segundo ele, “o enunciado não é uma frase, uma proposição ou um ato de fala; ele é uma função que atravessa um conjunto de signos e determina o modo de sua existência” (Foucault, 2008, p. 28).

Em outras palavras, o discurso implica confrontar-se com “[...] uma verdade do homem bastante arcaica e bem próxima, silenciosa e ameaçadora: uma verdade abaixo de toda verdade, a mais próxima do nascimento da subjetividade e a mais difundida entre as coisas” (Foucault, 1972, p. 561). Assim, quando falamos em gênero ou saúde, referimo-nos a campos mais amplos de discurso que produzem sentidos e regulam práticas, dentro dos quais aparecem enunciados particulares (frases, memes, emojis, legendas) que circulam e funcionam segundo condições pragmáticas e historicamente situadas.

Assim, este trabalho parte da observação do modo como esses campos discursivos se articulam com o uso de drogas — mais especificamente, como o emoji-raio (⚡) aparece como marcador simbólico acionado por algoritmos e mobilizado em práticas currículo-pedagógicas. Ele, aparentemente designado para ser utilizado em referência a eletricidade, tem sido empregado como marcador de consumo de cocaína, tanto em aplicativos para encontros afetivo-sexuais entre homens como em artefatos digitais referentes a festas eletrônicas envolvendo a sociabilidade gay.

Frisa-se que compreendemos que o emoji-raio não opera como categoria analítica em si, mas como um marcador simbólico que condensa e ativa sentidos dentro de determinados campos discursivos. Seu funcionamento não depende apenas

do que representa, mas do ambiente algorítmico que lhe confere recorrência, visibilidade e inteligibilidade. Nesse ponto, é produtivo dialogar com Ladeira (2019), para quem os sistemas de recomendação organizam a experiência do usuário por meio de uma autonomia ilusória, borrando a fronteira entre escolha e condução, entre preferências e cálculo probabilístico. O algoritmo não apenas oferece conteúdos: ele produz currículo, ao estruturar repetições, ritmos e associações que ensinam modos de corpo, de desejo, de risco e de sociabilidade. É nesse fluxo que o emoji-raio se estabiliza como marcador simbólico, acionado pelo algoritmo como um ponto de condensação de sentidos, reiterado conforme padrões que compõem uma pedagogia algorítmica.

Sabemos que o currículo nos faz conhecer determinadas coisas e não outras (Louro, 2004) e que o modo de circular as informações curriculares são pedagogicamente contextuais, especialmente em ambientes de uma era marcada pela conexão em rede por meios comunicacionais tecnológicos, caracterizados como digitais (Miskolci, 2017). Ao nos referirmos a currículo e pedagogia, reconhecemo-los enquanto práticas culturais, isto é, relacionados à produção e ao intercâmbio de sentidos — ou ao que se pode identificar enquanto compartilhamento de significados. Eles, os significados compartilhados, “[...] organizam e regulam práticas sociais, influenciam nossa conduta e conseqüentemente geram efeitos reais e práticos” (Hall, 2016, p. 20).

O emoji-raio, portanto, é compreendido aqui enquanto marcador simbólico que integra conteúdos curriculares produzidos e organizados por dinâmicas algorítmicas e que está presente em artefatos culturais que circulam pedagogicamente nas redes sociais. Artefatos são produções humanas situadas contextualmente em meio a relações de poder (Duque, 2024). Neste caso, o emoji-raio configura-se como elemento da linguagem não verbal que atua na comunicação como signo polissêmico — ou seja, é múltiplo em seus sentido e interpretações. Como outros emojis, é um símbolo visual (pictograma). Assim como as carinhas (😊/😬), frutas (🍇/🍊) ou objetos (🎈/👊), o emoji-raio não possui um significado fixo e universal, mas se constrói a partir do contexto de uso, das relações entre os interlocutores e das dinâmicas culturais em que está inserido. Em outras palavras, os emojis funcionam como mediadores de afetos, intenções, ironias e emoções, podendo adquirir novos sentidos conforme os ambientes socioculturais e as práticas digitais em que circulam.

Aqui, em específico, interessa-nos mais do que uma reflexão sobre drogas e socialidade gay; antes, sobre como o emoji-raio tem ensinado modos de ser, pensar e sentir.

Diante do exposto, este texto em tela pretende contribuir com os campos da Saúde Sexual, Saúde Integral e da Educação ao analisar a constituição de corpos e experiências de prazer e risco para além dos enfoques biomédicos, aproximando-se de um olhar atento ao currículo e à pedagogia cultural que dizem respeito ao uso da cocaína. Entendemos que o emoji-raio tem algo a nos dizer sobre drogas e homossexualidade masculina em contextos festivos. Nossa aposta inicial é que — assim como já analisado em outros contextos históricos envolvendo a prática sexual sem preservativos entre homens (Race, 2007) — persiste certa “erotização do risco” em meio a uma “segurança negociada” quando se trata do emoji-raio em contextos de buscas afetivas-sexuais em aplicativos de encontros voltados ao público gay. Isto é, constata-se haver, como nas relações sem preservativos, a busca por negociar a maximização do prazer da intimidade quando a cocaína aparece representada no emoji aqui em foco. Contudo, quando ele aparece em contexto de festa, fora dos aplicativos para encontros afetivos sexuais, a erotização e a negociação do risco ampliam-se para a maximização do prazer público, pelo entretenimento e diversão, não necessariamente ligado à prática sexual íntima entre homens.

Nesse sentido, este artigo está dividido, após esta introdução, em uma seção em que apontamos os aspectos éticos e metodológicos deste estudo, contextualizando e justificando procedimentos a partir de uma perspectiva teórica. Em seguida, temos a seção sobre os resultados e as discussões que realizamos. Nela apresentamos os dados levantados e analisamos conteúdos presentes nos artefatos ou nas postagens que se referem a eles. Com esses dados, caracterizamos o que há de curricular e pedagógico no emoji-raio. Por último, concluímos sem a pretensão de esgotar a discussão sobre esse tema.

Escolhas éticas e metodológicas

A pesquisa utiliza a etnografia digital, voltada para a observação participante em meio a ambientes de sociabilidade on-line. Ela permite acessar práticas cotidianas e significações culturais que operam nas postagens, comentários, hashtags e vídeos



breves. Nas redes on-line, elas circulam amplamente e constroem formas de ver e viver o corpo (Amaral; Natal; Viana, 2008). Destacamos que as redes on-line não apenas reproduzem a vida off-line, mas também criam e atualizam sentidos sociais fora da internet (Santos; Cypriano, 2014). Dito de outro modo, “[...] a internet não forma um espaço autônomo, que existe em paralelo aos espaços físicos; a distinção on-line/off-line é circunstancial e precária, ‘real’ e ‘virtual’ estão constantemente articulados” (Braga, 2015, p. 228).

O levantamento de dados considerou artefatos que incluem a presença do emoji-raio, especificamente a sua relação com imagens e vídeos de corpos que envolvem a homossexualidade masculina, com foco neles ou nos comentários das postagens, em festas que faziam referências ao uso de cocaína. Mas, conforme explicaremos mais adiante, o trabalho de campo nos permitiu ampliar a seleção desses artefatos conforme o algoritmo destacava conteúdos relacionados ao universo simbólico associado ao emoji-raio. Para acessar esses dados, iniciou-se com a perambulação, isto é, deslocamo-nos de maneira sensível e exploratória pelos circuitos digitais em que o emoji aqui em foco pudesse fazer-se presente (Leitão; Gomes, 2017). Ela permite que os pesquisadores passem nos diferentes ambientes, em um processo de agenciamento que envolve escolhas dos responsáveis pela pesquisa em tela e dos algoritmos.

O trabalho etnográfico, portanto, considerou que o ambiente digital é mediado por algoritmos e práticas sociotécnicas. Entendemos que ele não apenas reflete valores preexistentes, mas os reorganiza, ressignifica e tensiona (Almeida, 2016). Há uma interface humano-computador via algoritmização, isto é, “[...] o método de processamento de informações que transforma um determinado conjunto de dados, fornecidos a um sistema computacional, em um recorte” (Padilha; Facioli, 2018, p. 311). Assim, a agência no campo de pesquisa digital, envolvendo interação e socialidade, envolve também a agência de não humanos. Sem a atuação algorítmica, não chegaríamos aos artefatos selecionados.

Desde o início da perambulação até o final da observação participante nos ambientes onde os artefatos foram encontrados, buscou-se uma postura ética, já consolidada nos estudos das Ciências Humanas, incluindo a área da Educação: preservação das identidades dos autores ou de quem aparece no conteúdo analisado, além daqueles que estão em interação no ambiente digital envolvendo os artefatos

selecionados. Optamos apenas pela observação das interações nos ambientes públicos, de acesso livre e gratuito, não sendo, portanto, necessário solicitar autorização para o desenvolvimento da etnografia. Destacamos que, nesse tipo de pesquisa, focada em aspectos currículo-pedagógicos do emoji-raio, não são as pessoas que são analisadas, mas sim os artefatos que elas produzem ou que estão em interação (Duque, 2021).

Frisa-se ainda que, no início da etnografia, buscou-se, a partir do emoji-raio, explorar diversas plataformas digitais, como por exemplo os sites *Google* e o *YouTube*, as redes sociais *Facebook*, *X* (antigo *Twitter*), *Instagram* e *TikTok*. Ao perambularmos pelos circuitos digitais em que os algoritmos associavam conteúdos ao universo simbólico do emoji-raio, percebemos que no *Google*, no *YouTube*, no *Facebook* e no *TikTok*, há direcionamentos/diálogos/conexões entre aquilo que se busca e o que se encontra no *Instagram*. Por exemplo, ao digitarmos o emoji-raio na barra de pesquisa do *Google*, apareceram diversos posts do *Instagram* relacionados a cocaína. Ao mesmo tempo, quando fomos na seção Explorar do *Instagram*, surgiram novamente, por indicação dos algoritmos, vídeos já vistos em outras redes ou sites. Devido à limitação que se tem neste artigo, selecionamos a rede social que se conecta em suas postagens com outros ambientes on-line, o *Instagram*.

Ele permite o compartilhamento de fotos, vídeos e mensagens; foi criado em 2010 por Kevin Systrome e Mike Krieger (Ramos; Martins, 2018). Pesquisas mostram que, no Brasil, as pessoas ficam mais horas no *Instagram* do que no *YouTube* e no *TikTok* (Instagram [...], 2023). A empresa que o controla é a *Meta*. Além da seção Explorar, no *Instagram*, também podemos encontrar outros espaços como *Story* (onde se compartilham fotos e vídeos temporários — que desaparecem após 24 horas), *Feed* (principal área onde são exibidas as publicações) e comentários ou seção de comentários (onde se postam comentários em relação ao conteúdo publicado pelo responsável do perfil ou da página que se está visitando). São esses os ambientes explorados no trabalho etnográfico realizado para o levantamento de dados.

Os vídeos se apresentam de diversas formas. A cada rolagem da barra, conteúdos curriculares circulam e nos apresentam certa pedagogia algorítmica que aciona o emoji-raio como marcador simbólico, que discutiremos nas páginas seguintes. Durante a perambulação, diferentes tipos de vídeos começaram a emergir

como recorrentes, sugeridos pelos algoritmos a partir de interações prévias com conteúdos relacionados ao emoji-raio e ao universo das festas. Eles, posteriormente reunidos via uma sistematização dos vídeos vistos e selecionados, surgem como pequenos fragmentos de um campo em formação — fragmentos que, juntos, buscam nos ensinar sobre modos de corpo, prazer, risco, lazer e cuidado (Alves, 2019). Frisa-se ainda que os vídeos que emergem da aba Explorar no Instagram serão nomeados (assim como na plataforma) de *Reels*. Este formato de vídeo geralmente é curto e busca explorar a criatividade de quem o produz e prender a atenção de quem o assiste. Segundo o site da plataforma, “[...] as pessoas acessam o Reels para ver tendências culturais, colaborar com a comunidade e descobrir novas ideias” (Instagram, 2022).

Entre os *Reels* que circulam com frequência, destacam-se aqueles que mostram cenas de festas eletrônicas, com danças em meio a luzes, fumaça e batidas aceleradas. Outros focam no corpo em estado de exaustão, quase em colapso, mas ainda em movimento, resistindo — como se performasse o limite entre o êxtase e o esgotamento. Há também vídeos com conteúdo humorístico, referindo-se ao uso de cocaína. O consumo de drogas também aparece em imagens de interações com animais, viagem de carro, no quintal de casa, situações do cotidiano ou atrelado a personagens infantis. Estes últimos, por vezes, misturam o riso à infantilização do tema, deslocando a gravidade do uso para um lugar cômico, acessível e esteticamente no campo do entretenimento (Duque, 2021).

Além disso, é comum encontrar vídeos que misturam personagens de desenho animado, especialmente os que evocam o universo da infância, com trilhas e falas sobre drogas — criando um contraste irônico entre o lúdico e o proibido. E, por fim, há também uma frente de vídeos produzidos por profissionais da saúde, médicos e perfis de prevenção e redução de danos aos usuários de drogas ilícitas e lícitas, que tentam alertar sobre os efeitos do consumo da cocaína, mas que muitas vezes circulam ao lado ou no meio dos conteúdos de celebração, tensionando os limites entre os sentidos de saúde, de corpo, de drogas, animação e, principalmente, as tensões do campo ético e moral.

A realização da etnografia digital, guiada pelo movimento da perambulação nos espaços on-line — especialmente no *Instagram* —, indicou que os algoritmos operam de maneira a sustentar um campo de significados mesmo quando o emoji-raio não

está presente no conteúdo do artefato. Ao acompanhar os fluxos de vídeos na ferramenta “explorar”, observar os comentários e acompanhar as reações, tornou-se evidente que o emoji-raio não é apenas um ícone isolado, mas um caminho que leva a perambular para uma rede de representações que seguem circulando, mesmo na sua ausência. A etnografia mostrou que há um currículo algorítmico que continua operando mesmo na ausência do emoji-raio, uma vez que o algoritmo mantém ativa a rede de sentidos que ele simboliza, pois o que ele representa (o uso da cocaína) permanece como substrato currículo-pedagógico. O que há de curricular e pedagógico neste campo etnografado nos encaminha para além da cocaína e seus efeitos visuais representados nos vídeos; ele abre o portal do universo das alucinações, dos prazeres, da diversão, do cômico, do risível, daquilo que, socialmente, se liga ao contexto das festas e das drogas e, em muitos casos, à homossexualidade. Assim, uma das descobertas do trabalho de campo não se refere ao emoji-raio, propriamente dito, enquanto objeto visível, mas à lógica de representação que ele ativa e faz circular currículo-pedagogicamente.

O algoritmo, nesse sentido, funciona como curador de um currículo e de uma pedagogia do emoji-raio, que permitem reconhecer a recorrência de estéticas, discursos e corpos vinculados a ele, ainda que o ícone não esteja lá. Assim, é possível afirmar que o que há de currículo-pedagógico no emoji-raio vai além do símbolo: é aquilo que ele representa, ensina e faz circular. O trabalho de campo etnográfico no ambiente on-line permitiu captar os modos como o emoji-raio é ativado visualmente, quais corpos ele acompanha, quais ritmos ele propõe e como ele ensina sobre, com e pela cocaína maneiras de ser, pensar e agir — até quando ele simplesmente não aparece.

Resultados e discussão

Historicamente, o uso de drogas alucinógenas atravessa diferentes regimes de verdade e de legitimação. Já foi, por exemplo, medicinal, espiritual, exótico e, hoje, é também uma substância para prazer e uso recreativo. No contexto das festas, especialmente as noturnas e *afters*³, particularmente entre homens gays, o uso de

³ Entende-se aqui as festas noturnas como aquelas que ocorrem em espaços abertos e fechados, durante a noite. Seu objetivo é, principalmente, a diversão envolvendo músicas, danças, consumo de

drogas como a cocaína aparece articulado à construção de um corpo que não para — um corpo que gira, que dança, que transpira e que não colapsa. Isso foi observado em diversos *Reels* do *Instagram* que demonstram o uso da cocaína e outras drogas, mesmo que não explicitamente mostradas, mas subjetivamente compreendidas.

Assim como ocorre em diversos *Reels* do *Instagram* que evocam o uso de cocaína e outras substâncias psicoativas, mesmo que de forma não explícita, um dos vídeos selecionados se sustenta na sugestão e no reconhecimento compartilhado de signos. Nele, uma jovem mulher, aparentando ter cerca de 20 anos, aparece em um ambiente nitidamente marcado pelo clima de festa eletrônica: som alto, luzes coloridas em um espaço aberto. Ela veste uma blusa branca e utiliza acessórios visíveis, como pulseiras, brincos, bolsa e um relógio. Em uma das mãos, segura um cigarro aceso. Na outra, o celular, virado propositalmente para a câmera — e, portanto, para o público da festa — exibindo um letreiro digital com a frase: “cadê o 🔥 🔥 🔥 ???”.

No canto inferior do vídeo, há uma legenda escrita por ela própria: “vou ficar de boa hoje” / “Eu depois do primeiro gole de cerveja”. A frase ativa um tom cômico, mas também cria ambiguidade: marca a transição entre a promessa de controle e o abandono dela; a entrega à festa e ao consumo. Embora a palavra “cocaína” não apareça em nenhum momento, a presença repetida do emoji-raio deixa clara a associação implícita, reconhecível para aqueles que partilham dos códigos da cena. O raio se torna aqui um substituto visual, uma senha simbólica que comunica mais do que diz.

O emoji-raio não pode ser lido apenas como uma codificação qualquer, mas uma forma de contravenção estratégica às normas heteronormativas, morais, legais e algorítmicas. Essa contraversão à identidade heterossexual não está, necessariamente, no conteúdo sexual explícito do vídeo, mas na associação entre o uso de drogas e a comunidade LGBTQIAP+. Um dos comentários deste vídeo foi feito por um usuário do *Instagram* que utiliza uma foto em uma moto Titan 150 vermelha, com capacete preto, óculos escuros e casaco preto com estampas de caveiras. Considerando essa descrição, ele é lido como “titanzeiro”. Salienta-se que este enunciado se refere a um grupo marginalizado de homens periféricos, considerados potencialmente “irresponsáveis” (Jeolás; Santos, 2015). Ele comenta: “muie q cheira

bebidas e/ou drogas. *After*s são as festas que ocorrem após o fim das festas noturnas e que os envolvidos vão para continuar a se divertir — contudo, com maior ocorrência de uso de drogas.

👁️🏳️‍🌈”. Este comentário exemplifica como, mesmo em contextos aparentemente fora do meio das festas, há uma associação entre o uso de drogas e a comunidade LGBTQIAP+, sugerindo que tais práticas desafiam as expectativas tradicionais de gênero e sexualidade, afinal, no comentário vê-se um emoji de uma carinha com olhos com pupiladas dilatadas (referente ao efeito da cocaína) e a bandeira colorida do movimento LGBTQIAP+.

No contexto da festa, a cena eletrônica tem sido historicamente um espaço de expressão para identidades dissidentes, em que o uso de substâncias psicoativas está entrelaçado com experiências de transcendência e alucinações. Estudos etnográficos indicam que essas festas proporcionam um ambiente onde normas sociais convencionais são suspensas, permitindo a experimentação de novas formas de ser e de se relacionar com o corpo e com os outros (Abreu, 2012). Sendo assim, o emoji-raio permite a comunicação de práticas e desejos que, de outra forma, seriam censurados ou estigmatizados, funcionando como uma linguagem cifrada que circula entre aqueles que compartilham dessas experiências.

Ou seja, o emoji-raio não substitui apenas a palavra “cocaína”; ele permite que o desejo, o uso e o prazer circulem sem repressão direta e não velada, inclusive escapando de censuras e vigilâncias das plataformas. Ele funciona como uma forma estratégica de dizer o indizível, permitindo que o desejo, o uso e o prazer circulem sob a aparência de um signo inofensivo e visualmente entendido por outros significados que não só da referida droga. Em vez de nomear explicitamente, o emoji-raio sugere, insinua, e diz algo que, do modo como é informado, escapa aos filtros de linguagem das plataformas, das sanções morais e das políticas de moderação algorítmica.

Assim, o emoji-raio, enquanto sinal acionado no fluxo algorítmico, participa de uma linguagem visual ambígua que reforça o pertencimento a uma comunidade que compartilha esse código de reconhecimento mútuo, mas também que, por meio de outros conectores, pode levar a outros entendimentos, como chuva, tempestade ou até mesmo alta-tensão de energia. Como afirma Foucault (1996, p. 11), “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que manifesta (ou esconde) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo”. Portanto, o que é dito, o que é silenciado e o que é entendido por símbolos como o emoji-raio participam igualmente da produção de regimes de verdade sobre o corpo, o prazer e o desejo — não apesar da censura, mas muitas vezes por causa dela. Diante disso, também é possível afirmar que há

uma higienização visual: o raio é esteticamente mais aceitável, mais interativo, mais atrativo, mais lúdico, mais compartilhável do que dizer diretamente “eu uso cocaína”.

Neste íterim, é preciso refletir sobre o que significa não dizer “cocaína”. A substituição do nome da substância por um emoji-raio não se dá apenas como código secreto, mas também deve ser tomado como um lugar da experiência, como um símbolo público e possível de formação identitária que, diante disso, como afirma Borges (2019), se torna então um lugar de contestação, de posições de sujeito e subjetividades diferentes e diferenciais, dando seus sentidos e significados. Há, pois, uma estratégia estética de contraversão: escapa à moral, à censura das plataformas, ao mesmo tempo que garante a circulação dos sentidos e das práticas.

Esse processo estético referente ao uso de cocaína, impulsionado pelo algoritmo e representado de forma não inteligível para um público não familiarizado com esse significado do emoji-raio, se articula a um regime mais amplo de prazer, risco e uso dos corpos. Em um outro vídeo analisado, identifica-se a circulação de um videoclipe musical recém-lançado, marcado por uma estética homoafetiva e intimista. A cena se passa no topo de uma montanha. Dois homens aparecem abraçados, em um gesto romântico, trocando beijos enquanto a trilha sonora que ali está sendo divulgada segue dando o tom romântico. O enquadramento inicial destaca o envolvimento entre os homens e a paisagem aberta, compondo uma visualidade associada ao amor livre e à conexão entre homens gays.

À medida que a câmera sutilmente se movimenta, dois novos elementos surgem em cena, inserindo camadas adicionais de sentido à narrativa visual: um smartphone e um pequeno frasco de vidro. O celular, em destaque, exibe uma interface gráfica semelhante à de aplicativos de relacionamento voltados a pessoas que fazem sexo com homens — com predominância das cores preta e amarela e uma janela de chat aberta, sugerindo uma conversação em curso. Ao lado, repousa um frasco rotulado com a inscrição “*Poppers*”, uma substância amplamente utilizada em contextos sexuais entre homens para intensificar o prazer e facilitar o relaxamento muscular (Sehnem *et al.*, 2023).

A justaposição entre afeto, aplicativo e substância química, ainda que não a cocaína, está longe de um acontecimento accidental: constitui um cenário sobre o enredamento entre tecnologias de encontro, consumo corporal e práticas de prazer — elementos recorrentes em determinadas sociabilidades gays, especialmente no

contexto do *chemsex*. A presença do *poppers* e do aplicativo no mesmo plano que o beijo e a paisagem natural sugere um campo expandido da saúde sexual, em que o afeto, o risco e o desejo são mediados simultaneamente pela química, pelo digital e pela estética da liberdade.

No contexto das práticas conhecidas como *chemsex* — nas quais o uso de substâncias psicoativas se entrelaça a encontros sexuais, frequentemente entre homens gays —, essa pedagogia algorítmica que aciona o raio como marcador simbólico participa da construção de novas formas de subjetivação sexual (Del Rei; Adorno, 2024). O emoji-raio, nesse cenário, deixa de ser apenas um signo codificado de consumo para se tornar também um vetor de desejo, performance e disponibilidade corporal. Além disso, revela práticas específicas de sujeitos, os quais levantam outros assuntos tabus que dão densidade para discussões no campo da saúde: sexo x droga x homossexualidade, não apenas separados, mas principalmente juntos.

A partir de uma análise de estudos internacionais de *chemsex*, percebe-se que este fenômeno, até nos lugares onde já é considerado um problema de saúde pública, é extremamente difícil de ser mensurado. Isso ocorre por alguns motivos: o medo e o estigma em relação ao uso de drogas ilícitas, o estigma em relação às práticas sexuais envolvidas, o fato de muitos desses homens não identificarem suas práticas como arriscadas, o fato da maior parte das sessões de *chemsex* ocorrer em ambientes privados e também o fato da maioria dos profissionais não ter conhecimento do fenômeno, prejudicando a identificação do mesmo (Del Rei; Adorno, 2024, p. 07).

Nesse contexto, o emoji-raio atua como uma superfície de inscrição do indizível ou daquilo que deve ter uma maneira higienizada de se dizer. Ele permite que temas tabus circulem sob uma camada estética leve e comunicável, mesmo em plataformas vigiadas e higienizadas. Assim, o raio não é só um código: é um operador político, que esconde e revela, que disfarça e convoca, que estetiza e ensina. Os vídeos operam, assim, por uma objetividade, pelo que se fala, pelo que se entende, pelo que se vê. É através do emoji-raio, da estética da festa, do corpo, do homem gay e do símbolo ambíguo que se constrói o sentido da cena. A ausência da nomeação explícita da substância é compensada por um vocabulário visual e afetivo reconhecível — que ativa memórias, experiências e expectativas entre os espectadores.

Retomando o primeiro vídeo analisado — aquele em que uma jovem mulher aparece em uma festa eletrônica exibindo em seu celular a frase “cadê o ⚡ ⚡ ⚡ ???” —, é possível observar como o emoji-raio opera não apenas como elemento decorativo ou expressivo, mas como um signo compartilhado, que carrega sentidos

densos e socialmente reconhecíveis. A pedagogia deste código se evidencia nos próprios comentários que acompanham a postagem. Todos neste espaço interagiam dando o sentido da postagem e indicando, inclusive, outros emojis que se vinculam a outras drogas, como balas (🍬) e folhas (🍃). São alguns deles: “Cadê o 🍃 🍃 🍃 🍃 🍃 ???”; “A tropa do CADÊ A 🍬 🍬 🍬 ?>>”; “A pessoa já tem que sair preparado ⚡ ⚡ ⚡ ⚡”.

A cada interação, o algoritmo tende a associar conteúdos que reiteram a estética do “corpo que não para”, na qual o emoji-raio opera como marcador simbólico recorrente. Os sinais desse corpo que não para incluem: suor, pupilas dilatadas, movimentos repetitivos, tremores. Nos vídeos que emergiram na aba Explorar do *Instagram*, há um modo de fazer circular e reconhecer próprio do emoji-raio. Essa estética se converte também em pedagogia algorítmica do raio. Aprende-se com o corpo dos outros, com seus vídeos, com seus comentários, com suas reações, com seus desejos e da maneira que emergem os vídeos a partir do raio. Aprende-se a desejar esse corpo elétrico, esse corpo que não dorme, esse corpo que insiste. Então, reflete-se que o currículo é produzido algorítmicamente, e o emoji-raio opera como marcador simbólico que sintetiza e condensa essa pedagogia. Um currículo visual, digital, sensorial. Um currículo que, ao invés de se apresentar em textos ou disciplinas, se apresenta em símbolos, gestos e repetições algorítmicas (Montecio; Rosa, 2024).

A recorrência do emoji-raio nos vídeos, sugestões e recombinações da seção Explorar não decorre apenas das escolhas individuais do usuário, mas do trabalho contínuo do algoritmo em produzir padrões de consumo e reconhecimento. Como aponta Ladeira (2019), a lógica algorítmica cria um ambiente de circulação que dá ao sujeito a sensação de autonomia, embora organize silenciosamente aquilo que se torna visível e desejável. Essa autonomia ilusória participa da constituição de um currículo algorítmico que instrui, por repetição e por fluxo, como mirar, interpretar e sentir determinadas imagens. O emoji-raio, nesse contexto, não é o centro analítico, mas um apito simbólico que o algoritmo aciona para costurar associações entre corpo, festa, risco e prazer, compondo uma pedagogia que excede o próprio símbolo. O currículo que emerge não é apenas o do uso da cocaína, mas o do modo como as plataformas ensinam a desejar certos corpos, a normalizar determinadas estéticas e a reconhecer códigos que passam a ser parte da cultura visual da festa.

O conteúdo que esse currículo ensina está diretamente ligado à constituição de

subjetividades e modos de estar no mundo. O emoji-raio, ao se repetir em vídeos, comentários e reações, ensina a performar um corpo em estado de duração, potência e excesso. Ensina que desejar é não parar; que consumir é estar presente; que o risco é uma estética legítima de prazer. Ensina, ainda, que existir nesse circuito digital de festas é manter-se disponível, vibrante, intenso — mesmo que à beira do colapso. Esse currículo, entretanto, não se limita à presença visível do emoji-raio nos conteúdos analisados. Mesmo quando o emoji-raio não está explicitamente presente, seu conteúdo e sua pedagogia continuam operando. O algoritmo, ao sugerir vídeos, imagens e sons com padrões corporais, estéticos e afetivos semelhantes, como no caso do vídeo com referência a *poppers* já citado aqui, continua a produzir e manter ativa a rede de sentidos que o raio representa: a circulação de drogas como código de prazer, risco e diversão.

Trata-se de uma pedagogia algorítmica que ensina por aproximação, sugestão, repetição e estética e que permite reconhecer uma “carreira curricular” mesmo quando o símbolo não aparece. O que está em jogo não é o emoji em si, mas a gramática visual e afetiva que ele sintetiza e que o algoritmo ajuda a proliferar. Trata-se de um currículo que instrui silenciosamente sobre como ser desejável, como pertencer e como gozar: um gozo que é químico, visual e socialmente reconhecido. Ao produzir e reiterar essas imagens em festas de corpos elétricos, suados, acelerados e sorridentes, não é o raio que educa, mas o algoritmo que aciona o raio como operador simbólico para educar afetivamente, regulando desejos e normalizando práticas, compondo uma pedagogia cultural que orienta como sentir, como aparecer e como durar.

Em mais um dos materiais etnográficos analisados, observa-se apenas uma imagem estática: um personagem de desenho animado infantil, chamado Sreek, aparece com o nariz e a parte superior da boca cobertos de pó branco — uma referência visual direta ao consumo de substâncias inaláveis, especialmente cocaína. Sobre a imagem, há uma legenda com a seguinte frase: “*Eu parceiro: ‘dei um raio, aí tá dando pra perceber?’ / O nariz do infeliz*”. A frase é acompanhada por dois emojis: um emoji de rosto sorridente e o emoji-raio, compondo a piada visual.

No primeiro, a cena é construída a partir da justaposição entre o universo infantil — representado pelo personagem de desenho animado — e uma referência explícita ao uso de drogas. Essa montagem gera um efeito cômico que opera por meio da

dissonância: rir da transgressão ao misturar o que seria “puro” e “inocente” com o que é socialmente condenado ou censurado. O humor do vídeo se ancora na infantilização estética da cena, que, ao mesmo tempo que oculta a gravidade do conteúdo, permite sua circulação nas redes. Trata-se de um processo em que o riso é pedagógico: ensina o olhar a naturalizar o uso do emoji-raio como código cultural do uso de drogas, ao mesmo tempo em que brinca com a ambivalência entre o lúdico e o ilícito.

Como aponta Silva, Alquete e Efrem (2013), ao analisar o cômico no design de personagens animados, a estética do riso nas animações e produtos audiovisuais contribui para uma pedagogia implícita, em que temas potencialmente complexos e graves são reconfigurados como conteúdos palatáveis, próprios ao entretenimento. Quando essa lógica se transfere para os vídeos curtos que circulam em plataformas como o *Instagram*, ela produz um efeito similar: o corpo sob efeito da droga, antes vinculado ao risco, ao transe ou ao sexo, passa a ser representado como engraçado, lúdico. Há, portanto, uma dimensão estética e pedagógica do humor que atua na banalização do uso e na produção de sentidos ambíguos sobre o que emerge do e para o emoji-raio.

Durante a etnografia digital, foi analisado o conteúdo de uma página do *Instagram* vinculada a um município brasileiro, autodefinida como “seu mapa dos melhores rolês da city, notícias quentinhas, com um tribal gostoso e humor q todo mundo gosta”. O nome da página inclui a bandeira LGBTQIAPN+, e sua curadoria de conteúdos privilegia vídeos de caráter humorístico voltados a temas como vivências gays, festas, prostituição e o uso de substâncias psicoativas. O emoji-raio aparece recorrentemente nos vídeos publicados ou repostados, consolidando a página como um espaço onde certas codificações circulam de maneira naturalizada — como o raio associado à cocaína. Em um dos comentários, um seguidor escreve: “sabia que vocês iriam repostar esse vídeo”. Ele está sinalizando o reconhecimento da página como curadora desses temas e de um tipo específico de experiência gay e noturna.

O vídeo em questão retrata uma festa rotulada como *pool party*, ambientada em espaço externo, com diversos homens sem camisa dançando à beira da piscina, embalados por música eletrônica, usando leques e realizando coreografias de rebolado — todos elementos associados às sociabilidades gays contemporâneas (Braga, 2019). A cena, embora alegre e descontraída, mobiliza um campo de discussões simbólicas. O humor, que antes parecia funcionar como estética de

pertencimento, aqui se torna instrumento no campo das moralidades (riso, religião, família política e saúde). Os comentários, em tom cômico e debochado, expõem o campo de vigilância ao qual esses corpos estão submetidos: “GIF do Bambi (personagem infantil e delicado)”; “Eles estão contrariando o ciclo da vida”; “Meu Deus, me acuda, em nome de Jesus”; “Festinha de PETISTAS E PSOLISTAS... KKKK”; “Mulherzinhas com chances de HIV”; e “Aí se pega HIV até no ar!”. O comentário “🍷 🍷 🍷” — frequentemente associado ao uso de substâncias alucinógenas — completa a cena com a sugestão implícita de que o comportamento exibido só seria possível sob o efeito de drogas.

Esses comentários revelam a sobreposição de diferentes olhares normativos: o religioso, o político, o moral e, sobretudo, o da saúde como vigilância. A festa gay — mesmo quando apresentada sob o filtro do humor — não escapa à retórica da punição. O HIV aqui não aparece como questão de prevenção ou cuidado, mas como ameaça simbólica e castigo moral, e o riso então, como algo que, em vez de proteger ou acolher, expõe e regula. O corpo gay, desejante e em festa, passa a ser representado como vetor de risco, reforçando imaginários que vinculam o prazer homossexual ao descontrole, à degeneração e ao adoecimento. Nesse sentido, o vídeo sintetiza uma ambiguidade já observada em outros materiais etnográficos: o mesmo emoji que codifica prazer e pertencimento pode ser lido, em outro contexto, como prova de falha, de vício ou de “merecimento” do dano. O crivo do olhar da saúde, aqui, não cura — ele seleciona, pune e deslegitima o corpo que goza fora da norma.

Não se ri do excesso como experiência compartilhada, mas dos corpos lidos ali como gays, sensuais, sem camisa, rebolando ao som da música eletrônica. Se no primeiro caso o riso protege o conteúdo e o torna higienicamente compartilhável, no segundo ele expõe, moraliza e sanciona. Ainda assim, os dois operam como pedagogias algorítmicas do emoji-raio: ensinam o que pode ser mostrado, como pode ser mostrado e sob que custo pode ser mostrado. É nesse entrelaçamento que a ambiguidade do riso se torna mais nítida — ora aliada à celebração, ora articulada ao controle; às vezes separadas, porém, muitas vezes juntas, entrelaçadas. Essa operação marca o limite do riso e abre espaço para o próximo aspecto analisado: a virilidade como critério de pertencimento e a homossexualidade como marca daquilo que “falha”, que goza errado, que deseja demais ou que se cuida de menos.

A análise desses vídeos, marcados pelo emoji-raio, por incorporar a presença

constante do humor, da ambiguidade e da sugestão, não pode ser dissociada das disputas em torno da produção de verdades sobre corpo, prazer e uso de drogas. Em especial, para corpos gays. Nesse sentido, emerge também um currículo e uma pedagogia da droga enquanto prova de virilidade do homem e do não homem — este, gay. Em um outro vídeo analisado, em uma imagem estática, acompanhada de um emoji com a bandeira LGBTQIAP+, lê-se: “homem que vai no psicólogo ao invés de se afundar na droga”. Nos comentários, outro usuário reforça o estigma: “homem que não deve à boca de fumo: 🏳️🌈🚬” — ativando a associação entre o não consumo e a não dívida em relação ao gasto com drogas à suposta fragilidade e à feminilidade ou homossexualidade. Então, o uso de drogas aparece não apenas como um comportamento, mas como um marcador de gênero e sexualidade. Não usar drogas ou buscar cuidado psicológico se torna sinônimo de não ser suficientemente homem, sendo imediatamente associado a gay.

Há aqui um ideal de como ser homem, sustentado quimicamente, que não pode ser dissociado das performances de gênero, particularmente da masculinidade. Como analisa Moraes (2020), o consumo de álcool nas festas universitárias atua como um marcador de pertencimento e virilidade, funcionando como ritual de afirmação das masculinidades entre os chamados “novos homens”. O álcool, nesse cenário, não é apenas uma substância: ele carrega códigos simbólicos que validam comportamentos, corpos e posições de poder.

Ao expandirmos esse raciocínio para os contextos de festas noturnas e *afters*, percebemos que na performance masculina também está implicada o uso e a tolerância a drogas mais potentes. Não basta mais beber muito: é preciso atravessar a noite, sobreviver ao êxtase, manter-se em cena — ainda que à custa da saúde física e psíquica. A resistência do corpo se torna um espetáculo de masculinidade, em que o sujeito performa não só potência sexual, mas também resistência química e temporal. O “aguentar mais uma” — uma festa, uma dose, uma linha/carreira (cocaína) — é tanto um gesto de transgressão quanto um ritual de conformidade com os códigos viris contemporâneos (Moraes, 2020).

O raio, nesse sentido, ensina sobre a formação e manutenção de masculinidades, em que os corpos masculinos se subjetivam não apenas pelo prazer, mas também pela exaustão — uma exaustão regulada, desejada, encenada. O uso de drogas, longe de ser marginal, aparece aqui como um instrumento de incorporação

das normas de gênero, em que o corpo que usa droga é também o corpo viril, ativo, disponível, eficiente e — paradoxalmente — aparentemente saudável dentro da lógica da festa. Assim, novos contornos do que foi chamado de “masculinidade hegemônica” (Connell, 2013) estão em curso.

Quando então articulamos o campo das drogas com as performances de gênero, observamos que o corpo que usa droga não representa uma quebra com os ideais tradicionais de masculinidade, mas sim uma atualização desses mesmos ideais, em que o controle emocional, a produtividade e a resistência são traduzidos em termos químicos. Neste sentido, embora o vídeo exponha corpos gays rebolando e dançando em festa, os comentários moralizantes atribuem o comportamento à presença de drogas: “🍓 🍓 🍓” e “Aí se pega HIV até no ar!”. A ideia implícita é que só sob efeito químico seria possível transgredir as normas de virilidade — ou seja, que o prazer, a dança, o toque e a sensualidade só acontecem se mediados por substâncias. Isso não quebra a masculinidade normativa, mas a reconduz: o corpo drogado é lido como excêntrico, desviante e, ao mesmo tempo, desejado e inteligível no contexto do uso de drogas.

Isso reforça a ideia do que o currículo e a pedagogia algorítmica que aciona o raio como marcador simbólico representam um campo privilegiado para a fabricação de subjetividades, onde se negociam sentidos de saúde, prazer, poder e pertencimento. Percebemos que, neste sentido, ao invés de classificar esses usos como patológicos, é mais frutífero entender como eles apontam para os modos contemporâneos de subjetivação, em que a autonomia sobre o corpo é cedida a tecnologias químicas para sustentar ideais que, sob o rótulo de “mais homem”, muitas vezes reiteram novas formas de sujeição (Vasconcelos; Seffner; Melo, 2020), impondo desafios às práticas de educação e saúde.

Nos *Reels* aqui analisados, apresentam-se discursos, muitas vezes performados como piada, que atuam como dispositivos normativos de masculinidade — em especial, para homens gays, que já são alvos históricos de processos discriminatórios e controle; isso, unido ao uso de drogas, se torna ainda mais intenso. É aí que a saúde sexual precisa ser recolocada no centro da discussão: não apenas como prevenção biomédica (uso de preservativos, PrEP, testagem etc.), mas como um campo de disputa por formas de existência que também possam ser organizadas pela lógica do risco como prova de valor ou de pertencimento (Ayres, 2004; Louro,

2018). Pensar a saúde sexual nesse contexto é, portanto, pensar em como o desejo, o cuidado, a masculinidade e a exclusão se cruzam nas redes — especialmente quando um símbolo aparentemente inofensivo, como um raio, se torna código, senha, teste e sentença.

Diante desse conjunto de materiais analisados, compreendemos que o emoji-raio atua como uma tecnologia simbólica e performativa que atravessa corpos, desejos, afetos e práticas de risco — especialmente entre homens gays. Ele funciona como operador discursivo de uma pedagogia algorítmica que aciona o raio como marcador simbólico que ensina — por meio de imagens, risos e códigos visuais — modos contemporâneos de viver a sexualidade, o prazer e o corpo em festa. Mais do que um marcador do uso de cocaína, o emoji-raio condensa sentidos ligados à potência, à resistência, à performance e ao gozo contínuo, frequentemente associados a uma idealização da masculinidade gay — jovem, ativa, elétrica, desejável.

Nessa rede de sentidos, o emoji-raio não apenas comunica: ele educa. Ensina a desejar certo corpo, a performar certo prazer, a acessar certo pertencimento. Entretanto, também produz subjetividades atravessadas por um jogo ambíguo entre autonomia e sujeição, entre liberdade estética e controle moral. O corpo gay que emerge dos vídeos e comentários analisados é ao mesmo tempo glorificado e vigiado; desejado. A saúde sexual, nesse cenário, precisa ser compreendida como um campo expandido — que não se limita à lógica biomédica da prevenção, mas abarca currículo e pedagogia que são produzidos e circulam publicamente nas redes sociais.

Considerações Finais

A etnografia digital e o referencial teórico utilizados neste artigo possibilitaram o levantamento de dados em artefatos midiáticos digitais, isto é, vídeos do *Instagram* em que o emoji-raio aparecesse ou em que o seu conteúdo currículo-pedagógico se fizesse presente, especialmente envolvendo festas e socialidade gay. A partir da agência humana e da máquina, por meio do funcionamento algorítmico, percebemos um modo do conteúdo sobre o uso de cocaína circular. Ao concluirmos nossa reflexão, não pretendemos fechar as possibilidades das representações ou esgotar os aspectos que possam ser levantados sobre esse tema; antes, desejamos apontar para desafios

contemporâneos em relação, por exemplo, à saúde sexual desta parte da população.

Considerando os dados e as análises realizadas, foi possível confirmar a aposta de que, diferente de outros momentos históricos ou ambientes digitais de socialidade gay, ainda que a negociação sobre a maximização do prazer da intimidade esteja presente por meio do consumo de drogas, a intimidade parece perder o seu lugar de centralidade, abrindo espaço para o entretenimento público nas festas e, o mais importante, depois exibido nas redes sociais. Em termos de vulnerabilidade e risco, as ações com finalidade em educação e saúde, especialmente saúde sexual, têm hoje, aparentemente, novos desafios a serem encarados: a exposição midiática-digital e a produção de novas experiências de masculinidade gay quando o contexto é de drogas e festas.

Em termos curriculares, o uso do emoji-raio integra um conteúdo produzido algoritmicamente em torno do uso de cocaína entre gays, também conectado a outras substâncias, sem deixar de envolver temáticas como masculinidade, religiosidade, saúde e estigma. Parece não haver novidade em relação ao conteúdo curricular do uso de drogas por esse grupo, a não ser a dimensão pública desse conteúdo, circulando em uma rede social tão popular como o *Instagram*. A pedagogia que coloca esse currículo em circulação tem relação direta com o funcionamento algorítmico e com a agência dos usuários do *Instagram*, isto é, também por envolver um público (audiência) interessado em uma temática de sentidos densos e socialmente reconhecida. Ao mesmo tempo, o modo não diretamente inteligível para quem não conhece o significado do emoji-raio enquanto referência ao uso de cocaína indica o quanto os desafios informacionais para o campo da saúde sexual entre homens gays ainda está sustentado por segredos e invisibilidades.

Concluimos que, desde o corpo desejante e desejado que não fica parado devido às drogas até as críticas à homossexualidade masculina associada ao HIV, o modo algorítmico de fazer circular esse currículo também o produz. Afinal, a interação digital no ambiente on-line com postagens de diferentes públicos referentes ao conteúdo dos vídeos também produz conhecimento, currículo — mesmo quando o emoji-raio já não está mais presente. O humor é crucial para esse currículo e para essa pedagogia, porque ele envolve o emoji-raio de modo que o uso de cocaína ganha uma ambivalência e uma autorização para circular, entre o lúdico e o ilícito, entre o risco e o desejo. O emoji-raio, enquanto currículo e pedagogia cultural, nos mostra

que o prazer é político, que o corpo é um campo de batalha e que a sexualidade — especialmente a dissidente — continua sendo ensinada, policiada e (re)significada nos circuitos do digital.

Referências

ABREU, Carolina de Camargo. **Experiência Rave**: entre o espetáculo e o ritual. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ALMEIDA, Fabio de. **Conhecimento do lugar tecido pela cultura digital no ambiente escolar**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialista em Educação na Cultura Digital) – Núcleo Multiprojeto de Tecnologia Educacional, Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

ALVES, Thamires Pereira *et al.* **Coping através do uso de mídias e sua relação com a personalidade e o bem-estar subjetivo**. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) — Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19984>. Acesso em: 15 out. 2025.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Luciana. Netnografia como Aporte Metodológico da Pesquisa em Comunicação Digital. **Revista Sessões do Imaginário**, v. 20, n. 2, p. 34–40, 2008.

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Cuidado e reconstrução das práticas de saúde. **Interface** – Comunicação, Saúde, Educação, v. 8, p. 73–92, 2004.

BORGES, Andrey Monteiro. **Travestis e mulheres transexuais no voleibol**: (im) possibilidades de inserção e reconhecimento no esporte de alto rendimento em Campo Grande (MS). 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2019.

BRAGA, Gibran Teixeira. Não estou cobrando o que eu não posso dar: masculinidade simétrica no homoerotismo virtual. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 21, p. 225–261, dez. 2015.

BRAGA, Gibran Teixeira. “A pista é um laboratório”: corpos, afetos e experimentação em cenas de música eletrônica underground. **Revista Visagem**, v. 5, n. 1, p. 223–252, 2019.

CONNELL, Robert William. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241–282, 2013.

DEL REI, Marina; ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. Redução de danos e chemsex em aplicativos voltados para HSH. **Plural** – Revista de Psicologia UNESP Bauru, v. 3, 2024.

DUQUE, Tiago. “Se me atacá, eu vou atacá”: currículo, pedagogia cultural e produção das diferenças em Inês Brasil. In: MACHADO, Jacqueline (Org.). **XII FONAVID: violência de gênero e covid-19**. 01 ed. Campo Grande: Tribunal de Justiça de MS – Funjecc, 2021, v. 01, p. 163–178.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

INSTAGRAM. **Novidades do Instagram**. Criadores de conteúdo, 24 jun. 2022. Disponível em: https://creators.instagram.com/blog/instagram-feed-recommendations-changes-announcement?locale=pt_BR. Acesso em: 27 maio 2025.

INSTAGRAM é a rede mais consumida no Brasil, mas declínio preocupa Big Techs. **Forbes**, Forbes Tech, 28 de mar. 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/instagram-segue-na-lideranca-no-brasil-mas-declinio-das-redes-preocupa-big-techs/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

JEOLÁS, Leila; SANTOS, Luiz Antonio de Castro. Jovens, percursos e atividades arriscadas nas corridas ilegais de carros: o risco como componente identitário. **Mediações**, v. 20, n. 2, p. 262–283, 2015.

LADEIRA, João Damasceno Martins. O algoritmo e o fluxo: Netflix, aprendizado de máquina e algoritmos de recomendações. **Intexto**, Porto Alegre, n. 47, p. 166–184, 2019.

LEITÃO, Débora K.; GOMES, Laura G. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Antropolítica** – Revista Contemporânea de Antropologia, v. 1, n. 42, 11 maio 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Autêntica, 2018.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais**: Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.



MONTECIO, Gabriela Alencar; ROSA, Marcelo Victor da. Navegando pelo Grindr entre currículos de possibilidades e limites: a pedagogia da saúde em tempos de pandemia da Covid-19. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 40, 2024.

MORAIS, Gabriel de Oliveira. **Jovens, álcool e festas universitárias**: a formação das masculinidades entre os novos homens. 2020. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

PADILHA, Felipe; FACIOLI, Lara. Sociologia Digital: apontamentos teórico-metodológicos para uma analítica das mídias digitais. **Ciências Sociais**, São Leopoldo, v. 54, n. 3, p. 305–316, set./dez. 2018.

RACE, Kane. Engaging in a Culture of Barebacking: Gay Men and the Risk of H.I.V. Prevention. In: HANNAH-MOFFAT, K; O'MALLEY, P. (ed.). **Gendered Risks**. Londres: Glasshouse Press, 2007, p. 144–166.

RAMOS, Penha Élide Ghiotto Tuão; MARTINS, Analice de Oliveira. Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade. **Revista Texto Digital**, v. 14, n. 2, p. 117–133, 2018.

SANTOS, Francisco Coelho dos; CYPRIANO, Cristina Petersen. Redes sociais, redes de sociabilidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 29, p. 63–78, 2014.

SEHNEM, Gabriela Dutra; MERIGO, Grace Kelly; SARAÇOL, Débora Nunes Mario; NUNES, Luciana de Souza; REZER, João Felipe Peres. Chemsex e seu impacto na saúde. In: **OPEN SCIENCE RESEARCH X**. Editora Científica Digital, p. 593–60828 fev. 2023.

SILVA, W. C.; ALQUETE, T.; EFREM, R. A ESTÉTICA DO RISO NO UNIVERSO DAS ANIMAÇÕES: UMA ANÁLISE DO CÔMICO NO DESIGN DE PERSONAGENS ANIMADOS. In: **Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação**. 2013. p. 2. Disponível em: https://memoria.cnpq.br/web/guest/noticiasviews/-/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/1169528. Acesso em: 15 out. 2024.

VASCONCELOS, Michele de Freitas Faria de; SEFFNER, Fernando; MELO, Marcos Ribeiro de. “Gente é mais que homem”: gênero e cuidados em álcool e outras drogas. **Educar em Revista**, v. 36, 2020.

COCAINE, PARTYING, AND MALE HOMOSEXUALITY:

curriculum-pedagogical aspects of the lightning emoji (⚡) on Instagram

Abstract

The article analyzes the use of the lightning bolt emoji (⚡) as a symbolic marker of cocaine use in the context of parties and gay socialities on Instagram. From a curriculum-pedagogical perspective, the emoji is understood as a polysemic sign that communicates, educates, and regulates social practices. The research employed digital ethnography, observing videos, comments, and interactions. More than simply representing cocaine, the lightning emoji is embedded in a network of meanings involving pleasure, risk, the body, and dissident masculinities. Its ambiguity allows it to circulate between the playful and the illicit, evading algorithmic censorship and functioning as an encrypted language. The analysis also reveals moral, political, and health-related tensions, evidenced in comments and judgments about gay bodies, drug use, and HIV.

Keywords

Drug; Instagram; Gay.

Agradecimentos: Aos pareceristas *ad hoc*, pela leitura atenta e sugestões.

Agência financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Contribuições das pessoas autoras: Andrey Monteiro Borges foi responsável pelo levantamento de dados e corresponsável pela análise de dados; Tiago Duque contribuiu com a escrita rascunho original e foi corresponsável pela análise de dados; além disso, supervisionou todas as etapas do trabalho.

Aprovação por Comitê de Ética e consentimento para participação: não se aplica.

Conflito de interesses: Declaramos que não há a existência de conflito de interesse.

Declaração de utilização de Utilização de Inteligência Artificial: Declaramos que não utilizamos ferramenta de IA.

Pessoa autora correspondente: Andrey Monteiro Borges, UFMS, e-mail: profmeandrey@gmail.com. Rua Joaquim Murtinho, 655, Centro, CEP 79002100, Campo Grande (MS).

Recebido em: 01/06/2025

Aceito em: 22/02/2026